



O complexo ofício do professor: conselhos para uma educação de qualidade

Raphaela Alves Mesquita 
Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. ram@aluno.ueg.br 

Ruy Guilherme Albuquerque Pereira 
Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. ruy.pereira@ueg.br 

10.31668/praxia.v7i0.15955 

Introdução

Talvez, uma das funções mais antigas do mundo seja a do professor. Não a escola em termos de local, mas a função de ensinar. Primariamente, a relação de aprendizado surge na família, quando as crianças, ainda menores, observam seus pais e familiares no cotidiano (Enkvist, 2019). É um espaço relativamente controlado, de maneira geral com alimentação e teto em sua cabeça, além de disponibilidade, quase sempre, de espaço para desenvolver e exercitar suas faculdades físicas e sócio afetivas. É uma educação “informal”.

Seus relacionamentos com outros – membros da família ou de fora – irão se desenvolver espontaneamente no curso de sua vida. Em todas essas questões, uma criança irá espontaneamente exercitar suas faculdades com estes materiais abundantes no mundo ao seu redor. Os preceitos que são necessários podem ser transmitidos de maneira relativamente simples, sem precisar de estudo sistemático (Rothbard, 2013, p. 13).

Contudo, há uma determinada área da educação onde somente a espontaneidade direta e preceitos limitados são insuficientes. É a área que envolve o conhecimento intelectual, o estudo formal. “Este conhecimento que está fora do espaço direto da sua vida cotidiana, envolve um exercício muito maior das capacidades de raciocínio” (Rothbard, 2013, p. 13). E este local formal é o espaço físico da Escola.

No Brasil, a educação é obrigatória, pelo Estado, a partir dos quatro anos, ou seja, de maneira geral, a criança passa três anos e onze meses em aprendizado familiar / comunitário. A obrigatoriedade escolar veio de Lutero, quando na Reforma Protestante, requisitava de maneira repetitiva que comunidades fizessem escolas públicas com frequência obrigatória (Rothbard, 2013). Desde essa época até a atualidade, a escola se tornou o modelo único, no Brasil, de ensino formal. Ao longo dos anos o ofício do professor vem se tornando complexo, tanto sob ponto de vista em acompanhar as tecnologias e debates educacionais quanto o exercer da função no



chão da escola, no nosso caso, no chão da quadra. São diversos os relatos da árdua tarefa educacional que os professores no Brasil e, também, no mundo vem passando. Na tentativa de apresentar reflexões acerca da função de lecionar, a professora Inger Enkvist apresenta o livro “O Complexo Ofício do Professor: Conselhos para uma Educação de Qualidade”. Enkvist, uma professora de literatura espanhola da Universidade de Lund, na Suécia, já escreveu outros livros (Enkvist, 2011, 2014, 2019) do qual também faz críticas sobre a nova base da pedagogia com base no Construtivismo, elucidando a necessidade de voltar ao foco da escola quando o valor do esforço e o prazer de um trabalho bem feito era o principal pilar da escola (Enkvist, 2019) que seria aquele que focava no conhecimento, o professor era a autoridade dentro da sala de aula e o aluno deveria estudar mais para a garantia de bons resultados na educação. A estrutura do livro é baseada em 5 capítulos e estes divididos em tópicos, variando de quantidade de capítulo para capítulo totalizando 142 páginas. A obra vai fazer uma crítica a pedagogia de ensino das escolas dizendo que elas são de certa forma, o motivo para os resultados negativos relacionados a educação e por meio dos tópicos, vai trazer à tona referências dos relatórios McKinsey de 2007ⁱⁱ como embasamento para suas ideias, alegando questões a respeito do professor, da educação e da pedagogia no geral.

O professor como elemento-chave ou essa “chave” não encaixa na “fechadura”?

No primeiro capítulo “Professor como elemento-chave”, vai ser apresentado o professor como a peça principal para uma boa educação dos alunos dizendo que eles devem ser bem preparados para sua função, expondo algumas delas e evidenciando que suas ações podem gerar consequências, que de alguma forma, impactam na vida dos alunos, e que o mesmo, tem a responsabilidade de mudar o aluno para melhor, ensinando-o a estudar, ser autônomo e a transmitir a base necessária para a vivência com o mundo. Ao longo dos anos, de acordo com a autora, o que ela chama de Novas Ideias da Educação, com base no Construtivismo, os estudantes recebem uma péssima qualidade de ensino, sendo que muitos irão escolher a função docente e acabam por reproduzir, através do meio universitário defasado, as mesmas situações as que experimentaram enquanto estudantes do ensino básico. Para ela, a formação básica deve ser pautada na excelência do ensino e ela tem como parâmetro comparativo o sistema de Ensino Finlandês comparando os outros sistemas de países como Venezuela e da América do Sul. No sistema finlandês, por exemplo, os melhores estudantes, os que tiveram os maiores destaques ao longo do ensino básico, são selecionados e incentivados a se tornarem professores das próximas

gerações, pois o argumento é claro neste sentido: para que tenham bons engenheiros, médicos, cientistas, os professores deles devem ser os melhores (Enkvist, 2011, 2021). Na visão da autora, assim como na visão de Friedman e Friedman (2021) e Sowell (2011, 2020), o coletivismo vem tornando a prática docente, a escola e os estudantes em um ambiente de hedonismo, infantilismo e facilitismo. Isto apresenta a escola e o ensino como monótono, desnecessário, atrasado e caótico, sendo os professores e estudantes as maiores vítimas deste processo. A formação docente, para a autora, é o principal pilar, sendo que o professor deverá exercer sua função da maneira menos burocrática, centralizada possível e, como acrescenta Becskeházy (2018), um bom livro didático e a compreensão do retorno aos métodos tracionais de ensino. Para a autora, em um mundo onde a escola e o professor são vistos como terapeutas, a docência acaba tendo pouco ou nada a ver com o intelectual ou cultural, mas aos serviços sociais ou saúde coletiva. Isto se aproxima, por exemplo, com a realidade educacional brasileira, em específico no Estado de Goiás, onde existe diversos casos de professores, com formação em Geografia, História, Letras, ministrando conteúdos que pouco ou nenhuma relação possuem com sua formação originalⁱⁱⁱ.

Em finalização do capítulo abordará sobre a importância do professor na educação, elucidando a ideia de que eles têm o principal papel de depositar conhecimento nos indivíduos, estimular crianças e adolescentes a lerem e a estudarem, pois podem se considerarem “agentes sociais” responsáveis por impactar na vida do aluno transformando-o para melhor (Enkvist, 2021).

As pedagogias atuais seriam problemas ou soluções?

No capítulo 2, “Problemas com a pedagogia atual”, o foco da autora em seus tópicos, é trazer elementos e argumentos que demonstrem os problemas nas salas de aula e fazer uma relação com os resultados negativos da educação, fazendo comparações do ensino de antes com o ensino atual, questionando que antes focava-se na educação e transmissão de conhecimento, e que atualmente houve mudanças, citando o caso de que não é o aluno que acompanha o ritmo do professor, e sim o inverso, sendo o profissional culpado como incapaz ao não fazer com que os alunos tragam bons resultados (Enkvist, 2021). Rothbard (2013) acredita que para além das discussões metodológicas, a escola com ideais coletivistas e obrigatórias são as duas bases principais dos problemas com a pedagogia atual, pois elas se complementam. A escola não possui relação alguma com a realidade da comunidade tanto para Enkvist (2021) quanto para Rothbard (2013) e Friedman e Friedman (2021).

O igualitarismo não admite que os alunos e suas famílias possam escolher um projeto e um programa educacional determinado, porque os políticos decidiram que, na escola obrigatória, o programa deve ser exatamente igual para todos. O aluno e sua família não podem escolher seus colegas, porque os políticos decidiram que é importante para a coesão social que gente muito diferente esteja junta. O aluno e sua família não podem escolher seu professor e muito menos o professor pode escolher sua turma, porque as autoridades decidiram que o acaso é mais justo (Enkvist, 2019, p. 47).

Quando, por exemplo, observamos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) sobre o conteúdo de Lutas, há a obrigatoriedade em ensinar Lutas dos povos africanos e indígenas brasileiros, ou seja, multiculturalismo. São conteúdos que acreditamos, assim como Sowell (2019), serem coletivistas, uma vez que muitas escolas, estudantes estão distantes desta realidade, não participam culturalmente destes grupos. Tal igualitarismo, coletivismo, multiculturalismo, como aponta tanto Sowell (2019) quanto Enkvist (2019), poderá levar à um processo de crise identitária e desenvolvimento social das comunidades que estejam mais distantes das que são estudadas. “Ademais, o termo multiculturalismo é confuso, porque não se refere à promoção do estudo de muitas culturas, mas à ideia relativista de que outras culturas valem tanto quanto a Ocidental, e que, por isso, não é urgente estudar a Ocidental” (Enkvist, 2019, p. 96).

Isto leva, também, ao outro argumento, complementar ao acima desenvolvido, que a autora explora neste capítulo que é em relação ao papel da escola na educação, onde a Enkvist (2021) evidencia que muitas famílias acham que é obrigação da escola e do professor educar e deixam que eles realizem essa função, o que, de certa forma, dificulta o desenvolvimento e rendimento escolar, já que professores tem de educar e incluir o aluno no âmbito escolar, resultando em maior inclusão e menos qualidade de ensino. Isto é observável pela quantidade de escolas tanto de tempo integral quanto militares que vem surgindo, no Brasil, nos últimos anos. Mesmo sendo de “necessidade” da população, como são apresentados os argumentos dos políticos e de outras figuras midiáticas, acreditamos que há uma terceirização para a escola das funções familiares. A Constituição Brasileira, em seu Artigo 205 estabelece a Educação como um direito de todos sendo dever do Estado e da Família, mas parece haver um ‘esquecimento’ deste “e da Família”. É possível que as ideias de igualitarismo, coletivismo e multiculturalismo possam ter relação com essa dificuldade de identidade e desenvolvimento social que Sowell (2019) apresenta, com um dos resultados sendo observável na escola.

Outras culturas são exemplos a serem seguidos, ou não?

Em seguida no capítulo 3 “A autoridade do professor em diferentes culturas pedagógicas”, a autora traz em diferentes tópicos, comparações da importância do educador na formação social da criança e do adolescente e a forma que o mesmo tem importância em diferentes locais, destacando o britânico, o francês, o japonês e o chinês, cada qual com sua importância e característica profissional no âmbito escolar. Apesar da autora dar maiores detalhes e ênfase nestas diferenças em outra obra (Enkvist, 2011), ela pontua as diferenças entre os locais onde há uma melhor formação e definição do que vem a ser um professor, da função da escola e da participação familiar (apesar desta ser um tópico que ela não explora com maior profundidade). Aqui ela foca somente alguns países europeus e asiáticos, apresentando tanto os que estão com dificuldades em compreender a autoridade do professor e papel da escola quanto nos que retornaram aos elementos mais tradicionais de ensino, centrado na figura do professor e conteúdos. Ela não exemplifica o Brasil em seus escritos, mas outra autora (Becskeházy., 2018) apresenta argumentos similares sobre o ensino mais centrado no professor como autoridade, nos conteúdos e no incentivo ao esforço individual. Bercskeházy estudou o caso da cidade de Sobral que optou por mudanças, a partir de 2000, melhorando os índices de alfabetização da cidade.

Corrupção em um local onde combate-se a falta de ética?

No quarto capítulo “A corrupção na educação”, a autora expõe os atos desfavoráveis para a educação, pontuando questões como a não satisfação com o trabalho da escola em educar culminando a culpa no professor, argumento que ela expõe de forma mais detalhada em outra obra (Enkvist, 2011), como também enfatizando que o aluno que deve ter a iniciativa de querer mudar seu comportamento para a geração de resultados positivos e não a escola ter de reformular seus conceitos para poder adaptar o indivíduo e evoluir na educação. Para a autora, há um descompasso: o processo educacional no que ela argumenta de “novas pedagogias” (com base no Construtivismo) retiram da escola o pensamento de apreender conteúdos relevantes para aprimorar o intelecto e responsabilidade social. Tornam o estudante obrigado a não apreender o que é de relevante. E, por fim, obrigam o professor a atrair e motivar o estudante. Para a autora estudar, aprender deve ser um desafio e incentivar não é o mesmo que motivar. Ela ainda apresenta que a ênfase está voltada para os métodos (como ensinar) e não mais nos conteúdos (o que ensinar). Por isso, as terminologias, pelo menos no Brasil, sempre mudam: Conteúdo passou a

ser Objetos do Conhecimento, Objetivos passaram a ser Habilidades, Metodologias passaram a ser Descrições Metodológicas ou Detalhamentos Metodológicos.

Por fim, no quinto e último capítulo “Ideais de educação em ‘O clube do Imperador’ e na ‘Sociedade dos poetas mortos’”, vai ocorrer a comparação de dois filmes que serão relacionados com a educação, onde um é contra as normas e o outro ensina a moralidade e a intelectualidade, podendo concluir a ideia de que a educação tem perdido seu destaque em relação a qualidade de ensino, haja vista que o lado psicológico e social ganhou destaque e tem sido superior em relação a aprendizagem e ensino de conteúdo.

Considerações finais

É uma obra intrigante, que gera diversos debates caloroso e interessantes. Entretanto ela foca mais nos ensinamentos de disciplinas, digamos no idioma da Educação Física, “mais teóricas” (Matemática, Linguagens, Ciências, Literatura etc.). Em momento algum, em nenhuma de suas obras, ela apresenta um olhar para a Educação Física em específico. Talvez, por isso seja uma obra incompleta no entendimento de escola / educação física escolar. É bastante estudado na educação física, por exemplo, no que tange a Pedagogia do Esporte, que o aprendizado motor é mais bem potencializado com metodologias com base no Construtivismo (TGFU^{iv}, Escola da Bola, Jogos Desportivos Coletivos-JDC, Iniciação Esportiva Universal etc.) (Seabra, 2023) do que em “métodos tradicionais”, mesmo a maioria deles sendo de fora do Brasil (TGFU da Inglaterra, JDC de Portugal e Escola da Bola da Alemanha). Compreendemos ser um certo paradoxo a leitura deste livro, sendo que boa parte da Educação Física, especialmente na discussão da Pedagogia do Esporte (escolar ou não escolar) e nossos argumentos, mas concordamos com a autora que o espaço da escola, de fato, não está mais propício para aprendizado e desafios para os estudantes. A desmotivação generalizada (colegas docentes e crianças / adolescentes) fazem com que, cada dia, o ofício do professor seja realmente complexo. Elementos como pensar a escola não como um local de, apenas, “Justiça Social ou Cósmica” (seja o que for que signifique isso realmente) como argumenta Thomas Sowell ou local de hedonismo, infantilismo e facilitismo como Inger Enkvist nos alerta. Talvez começar a dialogar que Escola para Todos não é o mesmo que Todos na Escola. São dois argumentos diametralmente opostos. A “Escola para Todos” consiste em focar nos que querem, escolhem e aguentam apreender. Enquanto o “Todos na Escola” está incluso aqueles que não querem, não escolhem e não aguentam apreender dificultando o já Complexo Ofício do Professor.

De forma alguma este trabalho é um ponto final neste debate secular da escola. Queremos é justamente o oposto: instigar reflexões e debates honestos sobre o assunto, sendo convite para outros estudos.

Referências

- BECSKEHÁZY, I. M. L. **Institucionalização do direito à educação de qualidade**: o caso de Sobral, CE. São Paulo, 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 06 out. 2024.
- BRASIL. **Constituição (1998)**. Constituição da República Federativa do Brasil: texto atualizado até a Emenda Constitucional 131/2023. Brasília: Câmara dos Deputados, 2023.
- ENKVIST, I. **A boa e a má educação**: exemplos internacionais. Tradução de Felipe Denardi. 1. ed. Campinas: Kririon, 2011.
- ENKVIST, I. **Repensar a educação**. São Caetano do Sul: Bunker Editorial, 2014.
- ENKVIST, I. **Educação**: guia para perplexos. Tradução de Felipe Denardi. 1. ed. Campinas: Kirion, 2019.
- ENKVIST, I. **O complexo ofício do professor**: conselhos para uma educação de qualidade. Tradução de Ricardo Harada. Campinas: Kíron, 2021.
- FRIEDMAN, M.; FRIEDMAN, R. D. **Livre para escolher**. Tradução de Lígia Filgueiras. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- ROTHBARD, M. N. **Educação**: livre e obrigatória. Tradução de Filipe Rangel Celeti. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2013.
- SEABRA, A. L. **Bases teóricas e conceituais da pedagogia do esporte**. Goiânia, 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) - PUC Goiás.
- SOWELL, T. **Ação afirmativa ao redor do mundo**. Tradução de Ana Paula Corradini. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2005.
- SOWELL, T. **Conflito de visões**. Tradução de Ana Paula Corradini. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2007.
- SOWELL, T. **Os intelectuais e a sociedade**. Tradução de Ana Paula Corradini. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2011.
- SOWELL, T. **Discriminação e disparidade**. Tradução de Ana Paula Corradini. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2019.
- SOWELL, T. **Os ungidos**: a fantasia das políticas progressistas. Tradução de Ana Paula Corradini. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2020.

SOWELL, T. **Justiça cósmica**. Tradução de Ana Paula Corradini. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2023.

Recebido em: 15/10/2024

Aprovado em: 09/12/2024

Publicado em: 25/03/2025

ⁱ Apresentamos a palavra único, mas é importante compreender dois elementos: A escola não é o único espaço de educação que existe, pois antes dos quatro anos, a família, espaços religiosos, espaço da rua são locais de aprendizado; em nosso país não é permitida a prática de *Homeschooling*, o que torna o espaço escolar como o único formal.

ⁱⁱ Relatório McKinsey de 2007 foi um estudo realizado pela McKinsey & Company que analisou os sistemas educacionais de alto desempenho ao redor do planeta. Foi elaborado entre maio de 2006 e março de 2007, buscando compreender por que esses sistemas conseguiram resultados muito melhores do que a maioria dos outros e quais reformas educacionais foram mais bem-sucedidas. Em 2024 McKinsey & Company publicaram um relatório mais recente “Spark & Sustain: How all of the world’s school systems can improve learning at scale (Ascender e Sustentar: Como todos os sistemas escolares do mundo podem melhorar a aprendizagem em grande escala) abordando como os sistemas educacionais ao redor do mundo podem melhorar o aprendizado em larga escala destacando que o desempenho dos estudantes está estagnado globalmente em que milhões de crianças não estão apreendendo o suficiente. Para mais detalhes buscar em <https://www.mckinsey.com/>.

ⁱⁱⁱ Na Educação Física, em particular, no caso em que um dos autores da resenha leciona em uma escola estadual de tempo integral, ele, além da Educação Física, ensina: Estudo Orientado em Matemática, Ensino Religioso, Iniciação Científica, Protagonismo Juvenil e Disciplina Eletiva, para que tenha as 32 aulas semanais. É uma abominação burocrática, uma vez que não possui qualificação, tempo e disposição para organizar aulas que sejam diferentes de sua formação original. Estudantes, escolas e professores acabam por não se compreenderem e estarem estressados constantemente com este embrolho.

^{iv} TGFU são as iniciais em inglês de Teaching Games for Understanding.